

Operação Market Garden: uma derrota valorosa que apagou o fracasso estratégico

João Paulo Diniz Guerra*

Introdução

Há mais de 75 anos, na frente ocidental da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), ocorria a maior operação militar com lançamento de paraquedistas na história. Essa operação pretendia abrir caminho para a conquista de Berlim pelas Forças Aliadas e pôr fim à guerra antes do Natal de 1944.



Figura 1 – Lançamento da 82ª Divisão Aerotransportada Americana em GRAVE

Fonte: US Army/Domínio Público

Às 09h00min da manhã de 17 de setembro de 1944, sob um tempo esplêndido e favorável para uma operação aeroterrestre, decolavam, de 24

aeródromos na Inglaterra, mais de 5 mil aviões e planadores, convergindo sobre zonas de aterragem e de lançamento de paraquedistas na Holanda, lançando mais de 16 mil paraquedistas e 20 mil militares aerotransportados, totalizando, aproximadamente, 36 mil militares. Era o início da *Operação Market Garden*, do marechal de campo Bernard

Law Montgomery, herói inglês que comandou o 8º Exército Britânico na Campanha do Norte da África, responsável por fazer recuar o general alemão Erwin Rommel e o obrigando a retirar-se do Egito após a Segunda Batalha de El Alamein.

O marechal *Monty*, como era conhecido, havia participado da *Operação Overlord*, comandando o 21º Grupo de Exércitos Britânico no desembarque da Normandia, em 6 de junho de 1944. Após as conquistas iniciais da ofensiva aliada no norte da França, a Força Expedicionária Aliada (frente ocidental) tinha

como comandante supremo o general Dwight David Eisenhower (EUA) e estava organizada da seguinte maneira:

* Maj Inf (AMAN/2002, EsAO/2011). É paraquedista militar e, atualmente, aluno da ECEME.

Organização da Força Expedicionária Aliada	
Comandante Supremo: general Dwight D. Eisenhower	
Exército / Grupo de Exércitos	Comandante
1º Exército Aerotransportado Aliado	general de exército Lewis Brereton/USA
21º Grupo de Exércitos Britânico	marechal Montgomery/UK
<ul style="list-style-type: none"> • 1º Exército Canadense (general Crerar/CAN) • 2º Exército Britânico (general Dempsey/UK) 	
12º Grupo de Exércitos Americano	general de exército Omar N. Bradley/USA
<ul style="list-style-type: none"> • 1º Exército dos Estados Unidos • 3º Exército dos Estados Unidos • 9º Exército dos Estados Unidos • 15º Exército dos Estados Unidos 	
6º Grupo de Exércitos Americano	general de exército Jacob L. Devers/USA
<ul style="list-style-type: none"> • 1º Exército Francês • 7º Exército dos Estados Unidos 	

Quadro 1 – Organização da Força Expedicionária Aliada na frente ocidental
Fonte: o autor

Situação das Forças Aliadas após o desembarque na Normandia e concepção da Operação Market Garden

No início do mês de setembro de 1944, o 21º Grupo de Exércitos Britânico do marechal Monty encontrava-se com o 1º Exército Canadense avançando ao norte da França, próximo ao litoral, travando batalhas contra as forças alemãs nas cidades de Bologna, Calais e Dunquerque. Enquanto isso, o 2º Exército Britânico se encontrava mais ao centro, avançando a leste da linha Antuérpia-Bruxelas, alcançando a fronteira da Bélgica com a Holanda. O 12º Grupo de Exércitos Americano, nesse momento, era a força amiga de sul, pressionando os alemães na sua fronteira leste até a linha de defesa Siegfried, com a missão de conquistar as regiões das cidades alemãs de Colônia e Bonn, ao mesmo tempo em que o 15º Grupo de Exércitos conduzia as operações militares no teatro de operações do

Mediterrâneo. A esta última força pertencia o 5º Exército Americano, à qual era subordinada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que lutou na 2ª Guerra Mundial na península italiana.

A situação das Forças Aliadas não era das melhores. Estavam com sérias dificuldades de reabastecimento que permitisse o avanço das forças. Todo o ressuprimento era oriundo da Inglaterra por mar, via pequenos portos abertos na Normandia. A ofensiva aérea aliada havia destruído quase todas as linhas férreas na França e reduzido as opções de estradas que poderiam ser utilizadas para o suporte logístico. Além disso, apesar de o Exército Alemão ter perdido 40 divisões na ofensiva de 6 de junho, de um total de 50, e seguir em retirada para suas fronteiras, suas forças militares ainda resistiam na linha Siegfried e na região dos Países Baixos. Hitler enviou reforços militares para a frente ocidental e determinou que o porto da Antuérpia deveria ser defendido “custe o que custar”. Ele sabia que os Aliados

deperderiam daquele porto para prover o ressurgimento adequado.

Entre agosto e setembro de 1944, o comandante supremo Eisenhower analisara 19 planos de ataque para pôr fim ao maior conflito mundial da história e decidiu pelo plano apresentado, em 10 de setembro, pelo marechal Montgomery. O plano era ousado, ambicioso e surpreendeu a todos os comandantes aliados, pois *Monty* era reconhecido por sua prudência na guerra. O emprego do fundamento das operações ofensivas da iniciativa, o princípio de guerra da surpresa e o propósito do plano em pôr fim ao conflito antes do Natal de 1944, entretanto, foram decisivos.

O plano foi subdividido em duas operações: uma aerotransportada – denominada *Operação Market* – e a outra, uma operação terrestre – denominada *Garden*. A execução simultânea das duas ficou conhecida como *Operação Market Garden*, prevista para ocorrer em 17 de setembro de 1944, sob o comando do marechal *Monty*, o qual recebeu o 1º Corpo Aerotransportado Britânico do 1º Exército Aerotransportado Aliado, sob o comando do general de exército Frederick Arthur Montague “Boy” Browning (UK). Assim ficou organizado o 21º Grupo de Exércitos Britânico:

Organização do 21º Grupo de Exércitos Britânico	
1ª Divisão Aerotransportada Britânica	general de divisão Robert “Roy” Urquhart
82ª Divisão Aerotransportada Americana	general de divisão James Maurice “Jumpin’ Jim” Gavin
101ª Divisão Aerotransportada Americana	general de divisão Maxwell Davenport “Max” Taylor
1ª Brigada Paraquedista Polonesa	general Stanislaw Franciszek Sosabowski
1ª Companhia de Paraquedistas Independente (Precusores Paraquedistas)	

Quadro 2 – Organização do 21º Grupo de Exércitos Britânico
Fonte: O autor

Missão da Operação Market Garden

A Operação Market tinha como missão realizar um assalto aeroterrestre, a partir de 14h00min de 17 de setembro de 1944, partindo de território

inglês, para conquistar cinco cabeças de ponte aéreas no território holandês, a fim de garantir a segurança e a passagem das forças aliadas terrestres pelo 2º Exército Britânico, do 21º Grupo de Exércitos, através da rodovia Einhoven-Arnhem, Club Route (100km). Para isso, empregaria a 101ª Divisão Aerotransportada Americana para conquistar as cabeças de ponte aéreas nas regiões de Son e Veghel; a 82ª Divisão Aerotransportada Americana para conquistar as cabeças de ponte aérea sobre o rio Maas, na região de Grave, e rio Reno, na região de Nijmegen; e a 1ª Divisão Aerotransportada Britânica, reforçada pela 1ª Brigada Paraquedista Polonesa, para conquistar a cabeça de ponte aérea sobre o rio Baixo-Reno, na região da cidade de Arnhem.

Devido à escassez de aeronaves, os paraquedistas seriam lançados em três escalões de assalto, sendo o segundo em 18 de setembro e o terceiro no dia 19 de setembro. As viagens previstas para o dia D eram consideradas suficientes para transportar o QG avançado da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica, três regimentos de paraquedistas das 82ª e 101ª Divisões Americanas e a 1ª Brigada Aeroterrestre (Aet) britânica (a três batalhões, mais um regimento de artilharia) da 1ª Divisão Britânica. No decorrer do segundo dia, D+1, os efetivos restantes da divisão britânica seriam lançados, bem como elementos da 82ª e 101ª. Durante o dia D+2, os poloneses e os remanescentes das 82ª e 101ª tocariam terra. No decorrer do dia seguinte, previra-se lançar os efetivos que, por diversos motivos, não tivessem sido lançados nos dias anteriores, se houvesse. Seria um eventual dia D+3.

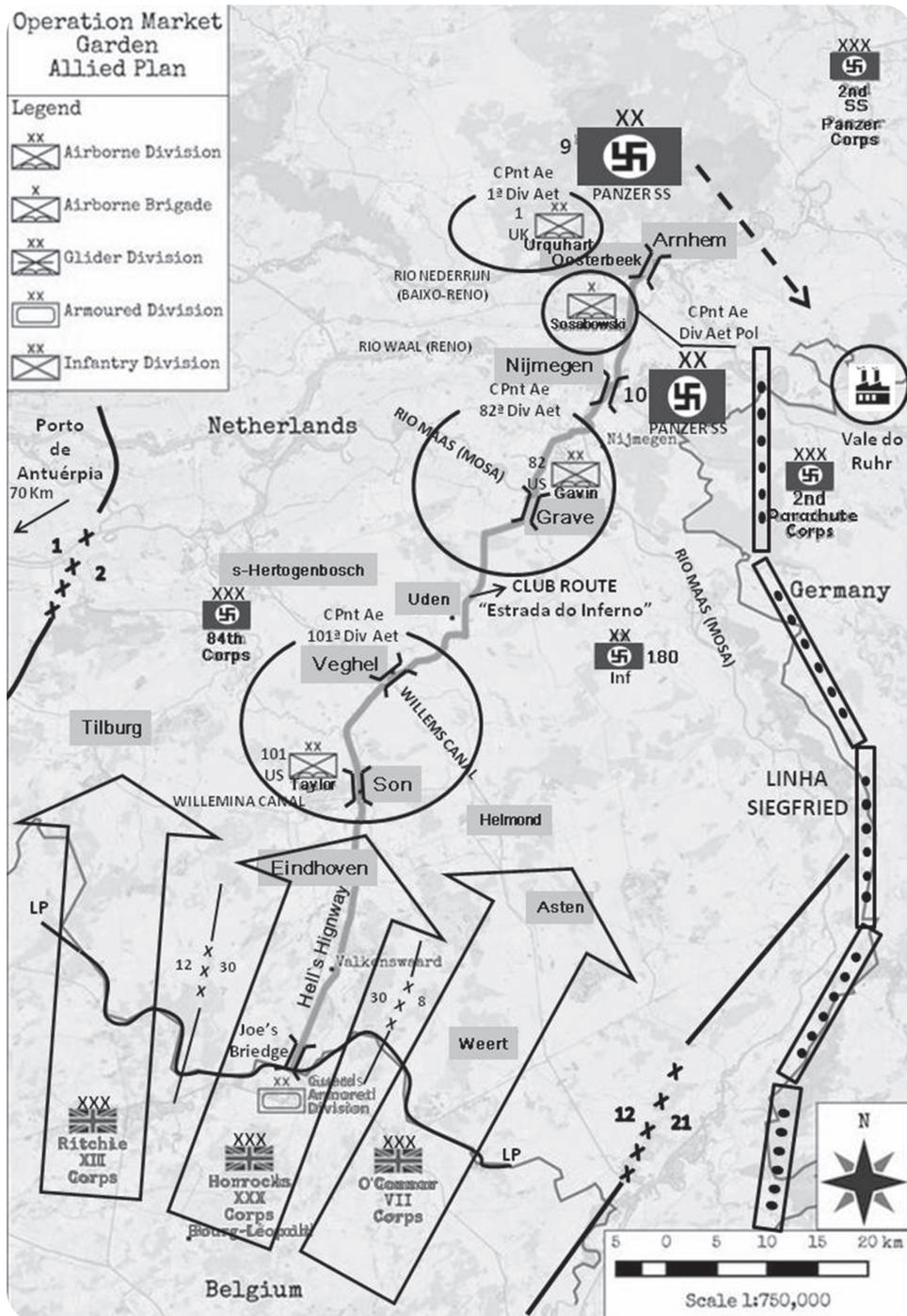


Figura 2 – Plano da Operação Market Garden
 Fonte: Duncan Jackson/CC BY-SA 4.0

A Operação Garden incumbia ao 2º Exército Britânico, do 21º Grupo de Exércitos, a missão de avançar pelo eixo Wessel-Arnhem, em aproveitamento do êxito, para realizar a junção com as tropas aerotransportadas do 1º Corpo Aerotransportado Aliado, em 48 horas, devendo conquistar e manter a região de Arnhem e ficar em condições de prosseguir para leste para conquistar a região industrial alemã do vale do Ruhr, desbordando a linha Siegfried. Para isso, o 2º Exército Britânico empregaria, ao centro, o 30º Corpo de Exército na vanguarda, realizando o ataque principal (composto por duas divisões de infantaria, uma divisão blindada, mais uma brigada blindada), a comando do general de exército Brian Horrocks (UK), enquanto o 12º Corpo de Exército Britânico se desdobraria a norte com a missão de proteger o flanco esquerdo, e o 8º Corpo de Exército Britânico seguiria a sul com a missão de proteger o flanco direito.

A força amiga vizinha ao 21º Grupo de Exército era o 1º Exército dos Estados Unidos, do 12º Grupo de Exércitos Americano protegendo o flanco direito do 2º Exército Britânico. Mais a sul, estava o 3º Exército dos Estados Unidos, a comando do general de exército George S. Patton. O 30º Corpo de Exército deveria lançar a Divisão Blindada das Guardas (UK) para a área de Eindhoven, e a 11ª Divisão Blindada para a área de Turnhout-Tilburg. Enquanto isso, o 1º Exército Canadense tinha a missão de realizar ações ofensivas ao longo da costa, neutralizando as forças alemãs no estuário de Scheldt e abrindo o porto da Antuérpia, a fim de permitir o fluxo de ressuprimento vindo da Grã-Bretanha.

A intenção do marechal Monty era estabelecer cabeças de ponte aéreas sobre os rios Mosa-

-Maas-Veghel-Waal(Reno)-Baixo Reno, os quais formavam um grande obstáculo para que as tropas aliadas atingissem o território propriamente dito da Alemanha. Tudo com a finalidade de permitir o avanço das Forças Aliadas para o leste e ocupar o vale do Ruhr, antes do Natal de 1944, e forçar a rendição do Exército Alemão, pondo fim às hostilidades da 2ª Guerra Mundial no continente Europeu. Ao final da Operação Market Garden, pretendia-se que as forças alemãs remanescentes estivessem neutralizadas no território da Holanda e sem condições de continuar na guerra, além da região de Arnhem de posse das Forças Aliadas e com a população civil holandesa livre do nazismo.

O plano do marechal Monty atendia três condições julgadas primordiais pelo comandante supremo, general Eisenhower: realizaria uma ação ofensiva pelo flanco mais fraco dos alemães, evitando a linha Siegfried; atacaria o inimigo pela área de operações considerada menos provável por Hitler e seus generais, que acreditavam que o ataque principal seria conduzido pelo 3º Exército dos Estados Unidos, a comando do general de exército Patton; e as tropas aerotransportadas poderiam operar em condições mais favoráveis, em relação às bases na Grã-Bretanha.

Presença de tropas alemãs na região

A resistência holandesa passava informes aos Aliados, referentes às forças alemãs no oeste, calculando os efetivos em 10 divisões, sendo 4 divisões blindadas. Pouco antes ao ataque do 1º Corpo Britânico Aerotransportado, o general de exército Browning acreditava que os efetivos alemães em território holandês eram de apenas

algumas unidades de infantaria de 2ª classe e um total de tanques, que oscilava entre cinquenta e cem. Entretanto outros informes chegaram aos serviços de inteligência dando conta de que duas divisões blindadas alemãs se dirigiam para a Holanda, mencionando-se Eindhoven e Nijmegen como seus destinos finais. Pouco depois, soube-se que as mencionadas divisões eram a 9ª Divisão Panzer SS Hohenstaufen e a 10ª Divisão Panzer SS Frundsberg, provavelmente reequipadas com novos carros de combate.

Em setembro de 1944, Hitler havia readmitido ao serviço ativo o marechal de campo Von Rundstedt, nomeando-o comandante-chefe da Frente Oeste. O marechal Rundstedt foi responsável pelo chamado “milagre do Oeste”, pois conseguiu reorganizar o sistema de defesa alemão e recuperou a estrutura de comando e controle da Wehrmacht. Além disso, o marechal de campo Walter Model assumiu o comando do Grupo de Exércitos “B”, o qual conduziu as operações militares de defesa contra as forças aliadas na Operação Market Garden com extrema liderança.



Figura 3 – General Alemão Walter Model, Comandante do Grupo de Exército “B”

Fonte: Jager, Bundesarchiv

Fatores de risco

Toda operação militar ambiciosa envolve riscos. Entretanto, em torno da Operação Market Garden, os riscos eram muito grandes. Naquela época, os sistemas de vigilância e reconhecimento eram mais simples, se comparados aos drones e imagens de satélites atuais. A inteligência do 1º Exército Aerotransportado Aliado dava conta de que a cidade de Arnhem estava fortemente protegida pela defesa antiaérea alemã, equipada com canhões de 88mm, o que colocaria em risco as aeronaves, impossibilitando o lançamento da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica próximo da cidade. O terreno ao sul do rio Baixo Reno era arenoso, o que impossibilitaria o pouso dos planadores, obrigando que a tropa britânica fosse lançada 13km a oeste de Arnhem e a norte do rio Baixo Reno.

Entre a zona de desembarque/lançamento da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica e a ponte de Arnhem, os militares teriam que passar pela cidade de Oosterbeek. Não se deram conta, no entanto, de que nesta cidade se encontrava o QG do marechal Model e o 2º Corpo Panzer SS, do general Bittrich, composto por duas Divisões Panzer SS (a 9ª e a 10ª), as quais estavam em zona de reunião para reorganização e haviam acabado de receber novas viaturas blindadas.

Os informes que chegaram da resistência holandesa foram ignorados pelo comando dos Aliados. Além disso, outro risco que envolvia a Operação Market Garden era que não havia aeronaves suficientes para lançar todas as tropas paraquedistas de uma só vez, sendo necessário que um primeiro escalão de assalto fosse lançado em 17 de setembro, o segundo no dia 18 e a última leva no dia 19. Essa situação deixava as forças

aerotransportadas à mercê das condições climáticas, podendo haver atrasos no lançamento do 2º e do 3º escalão de assalto. O general polonês Sosobanski estava previsto para o último escalão de assalto e foi um dos principais críticos aos planos da Operação Market Garden.

Outro problema que envolvia a operação era o terreno dos Países Baixos. Planícies alagadas e uma imensa rede de rios e canais dificultavam a progressão de tropas de qualquer natureza, canalizando os movimentos terrestres pelas pontes. A estrada Club Route, que seria utilizada pelo 30º Corpo de Exército Britânico, ligando Eindhoven a Arnhem, era estreita, com apenas duas faixas. Todas as vezes que o escalão de reconhecimento sofria ataques pelos flancos, carros blindados destruídos bloqueavam a passagem da coluna de marcha, exigindo que viaturas de engenharia cerrassem à frente para liberar a passagem. Durante a operação, foi comum se formar congestionamentos de blindados de até 16km, tornando-os alvos fáceis para as armas anticarro de uma brigada paraquedista alemã, localizada nos seus flancos, por isso a rodovia ficou conhecida pelos aliados como “estrada do inferno”.

A rapidez no avanço do 30º Corpo de Exército por essa estrada era vital para o sucesso da Operação Market Garden, principalmente porque se sabia que as tropas paraquedistas tinham capacidade limitada para manter as cabeças de ponte aéreas com seus próprios meios. O próprio general Browning, ao tomar conhecimento dos planos, disse a célebre frase ao Marechal Monty: “– Eu acho que nós vamos para uma ponte longe demais”, ao se referir à ponte de Arnhem. Essa frase inspirou o título do *best seller* “Uma ponte longe demais”, de Cornelius Ryan, e o filme de mesmo nome, em 1977, contando a história da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica em Arnhem.

Desenrolar da Operação Market Garden

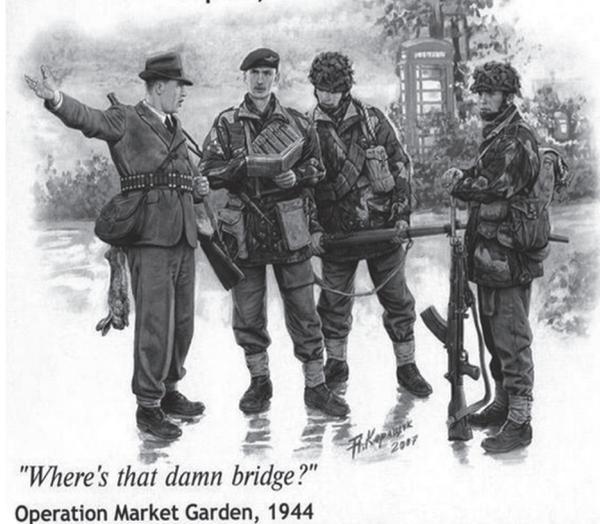
Na noite do dia 16 de setembro e na manhã seguinte, mais de 4 mil toneladas de bombas foram lançadas pela RAF e Força Aérea Americana contra as defesas antiaéreas e posições defensivas alemãs, como preparação para o lançamento das tropas paraquedistas. Às 09h00min do dia 17, o primeiro escalão de assalto das tropas da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica e da 82ª Divisão Americana seguiram pela rota aérea norte, enquanto as tropas da 101ª Divisão Americana seguiram pela rota sul para atingirem seus objetivos. Nos céus da Europa, formou-se uma nuvem de aviões, algo nunca visto antes na história. Foi uma grande demonstração de força. A nuvem de aviões tinha uma dimensão de 140km de extensão e 4km de largura. Por onde passava, a população civil se enchia de esperança de que essa ofensiva colocaria um fim à guerra.

O lançamento de paraquedistas ocorreu sem grandes problemas, com pouca interferência da defesa antiaérea alemã nas zonas de lançamento e de pouso, balizadas pelos precursores paraquedistas da 1ª Companhia de Paraquedistas Independente. As três divisões aerotransportadas ocuparam e estabeleceram a segurança na zona de lançamento, para garantir a vinda de ressuprimento aéreo e o lançamento dos demais escalões de assalto nos dias seguintes.

A Operação Garden teve início logo após a confirmação do lançamento dos paraquedistas, por volta de 14h00min, com o 30º Corpo Britânico iniciando seu deslocamento, a partir da ponte “Joe”, após uma concentração de fogos de artilharia, em direção a Eindhoven. Os 8º e 12º Corpos Britânicos também iniciaram seus deslocamentos pelos flancos. Já nas primeiras horas de marcha e mesmo com o apoio de fogo, a Divisão de Guardas,

testa do 30º Corpo, sofreu sérios ataques de canhões 88mm antiaéreos, utilizados como armas anticarro, com muita eficiência. Nesse momento, já era possível confirmar as previsões de que o movimento pela “estrada do inferno” não seria fácil e rápido como se pretendia.

British Paratroopers, WWII



"Where's that damn bridge?"

Operation Market Garden, 1944

Figura 4 – “Onde está a maldita ponte?” – sofrendo com problemas de comunicação, as tropas pediram instruções e outras informações aos habitantes locais

Fonte: Mega Hobby

A zona de lançamento das tropas da 1ª Divisão Aet Britânica estava localizada a apenas 3km de distância do QG do general Model, em Oosterbeek, o qual determinou que a 10ª Divisão Panzer SS, a comando do general Ludwig, se deslocasse para a região de Nijmegen, a fim de defendê-la, e que a 9ª Divisão Panzer SS permanecesse na região de Arnhem, juntamente com as demais divisões de infantaria.

Os militares britânicos foram recebidos pela população holandesa em festa e com vinho, pois consideravam que sua chegada faria os alemães recuar e pôr fim à guerra. Não foi isso, porém,

o que aconteceu. O otimismo da população contagiou os soldados britânicos, causando atrasos ao deslocamento para chegar à cabeça de ponte aérea de Arnhem. Um oficial alemão encontrou todo o plano de operações da Market Garden dentro de um avião caído e entregou-o ao general Model, retirando o fator surpresa das ações subsequentes do marechal Monty.

Apenas o 2º Batalhão Paraquedista Britânico, a comando do coronel John Frost, chegou à margem norte da ponte de Arnhem, enfrentando dura resistência alemã, inclusive contra blindados. Eles ocuparam a margem norte da ponte, mas não conseguiram conquistar a margem sul, que permanecia com tropas blindadas alemãs a defendendo fortemente. As comunicações entre as tropas britânicas falharam, deixando a 1ª Divisão incomunicável com seus batalhões e com o comando do 21º Grupo de Exércitos Britânico. O general Roy, comandante da 1ª Brigada Aet, montou seu posto de comando no Hotel Hartenstein, onde antes estava o general alemão Model, e começou a receber intensos contra-ataques das forças alemãs, impossibilitando o envio de reforços para a ponte de Arnhem. Os Aliados perderam, ainda, a posse da zona de lançamentos.

A 101ª Divisão Aerotransportada Americana também não encontrou grandes problemas no lançamento e reorganização das tropas, mas, quando estavam a apenas 25 metros de conquistar a cabeça de ponte aérea na região de Son, os alemães destruíram a ponte sobre o canal. Como possuíam limitados meios de engenharia para a travessia do canal, precisaram aguardar a chegada do 30º Corpo de Exército Britânico para que uma portada fosse lançada. Isso só ocorreu na noite de 17 de setembro, e a preparação dessa portada de 150m durou toda a madrugada e a manhã do dia seguinte. Somando o atraso do deslocamento das tropas blindadas, já havia um atraso superior a 24 horas.

Por sua vez, a 82ª Divisão Aerotransportada Americana conquistou a cabeça de ponte aérea sobre o rio Maas na região de Grave, mas encontrou forte resistência da 10ª Divisão Panzer SS na região de Nijmegen, sobre o rio Reno (Waal). Sozinhos, contra blindados, não seria possível conquistar o objetivo. A 82ª Divisão também não possuía meios orgânicos para realizar uma transposição do curso d'água. Precisava aguardar a chegada do 30º Corpo Britânico. O general Model havia determinado que a região de Nijmegen fosse mantida a todo custo e que a ponte não fosse destruída para garantir uma passagem tática para futuros contra-ataques alemães.

No segundo dia de operação, a situação não melhorou. O 2º Batalhão Paraquedista do coronel Frost continuava isolado a norte da ponte de Arnhem, com muitos mortos e feridos, pouca munição e alimentos, e disparando seus últimos rojões anticarro contra os ataques de blindados. Os generais Roy, Cmt da 1ª Divisão Aet, e Lathbury, Cmt da 1ª Bda Pqdt, tentaram reconhecer a situação em Arnhem pessoalmente, já que as comunicações estavam mudas, mas acabaram encurralados dentro de uma casa, cercada por soldados e tanques alemães durante todo o dia, deixando as tropas, temporariamente, sem comando.

Ao final do dia, o marechal Monty esperava que o 30º Corpo Britânico estivesse realizando a junção em Arnhem, mas o máximo que aconteceu foi a testa ter ultrapassado a região de Son e estacionado a poucos quilômetros, à noite, mais à frente, pois eram mais de 25 mil viaturas passando por uma simples portada. Enquanto isso, o general Gavin, da 82ª Divisão Aet, estava impaciente, aguardando o apoio para vencer a resistência inimiga em Nijmegen.

O escalão de paraquedistas previsto para chegar pela manhã de 18 de setembro sofreu um atraso de 6 horas devido ao mau tempo na Ingla-

terra. Ao final da tarde, a Brigada Aet Britânica que defendia as zonas de lançamento a norte do rio Baixo Reno teve que retrair e perdeu a região para os alemães. Como estavam sem comunicação com os aviões, todo o ressuprimento lançado pelo ar na ZL estava sendo capturado pelos alemães, piorando ainda mais a situação dos ingleses.

No 3º dia, 19 de setembro, as condições climáticas estavam piores, impossibilitando o apoio de ataque aéreo e o lançamento do 3º escalão de assalto, incluindo a Brigada Aet Polonesa na região de Arnhem. Finalmente, o 30º Corpo de Exército alcançou a 82ª Divisão Aet, mas as viaturas com os botes só chegaram na manhã seguinte, atrasando ainda mais a transposição do curso d'água. Nesse dia, dos 500 militares do 2º Batalhão do coronel Frost, restavam vivos apenas 150, quase todos gravemente feridos, incluindo o comandante.

Os soldados recusaram rendição pela manhã e resistiram bravamente até à noite, na esperança de receberem reforços da Divisão Aet Britânica ou a junção do 30º Corpo. Nada aconteceu e o coronel Frost, para garantir a vida dos feridos, rendeu-se ao general Model. Eles foram capturados e conduzidos para um hospital alemão.



Figura 5 – Prisioneiros de guerra britânicos em Arnhem, setembro de 1944

Fonte: German Federal Archives/Wikimedia Commons/CC BY-SA 3.0

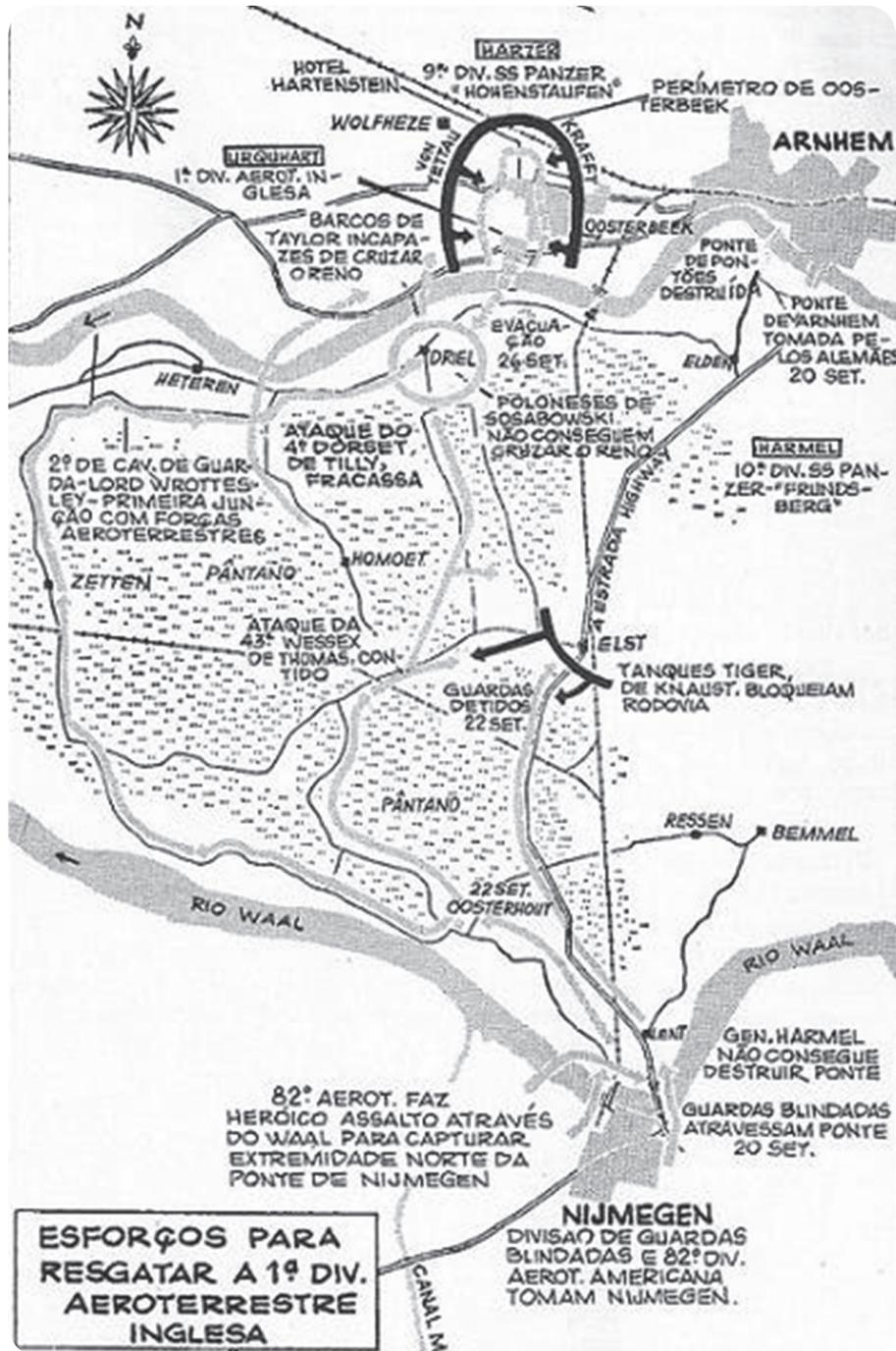


Figura 6 – Plano da Operação Berlim, resgate da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica
 Fonte: Uma ponte Longe Demais, Cornelius Ryan, Biblioteca do Exército

Apenas no 4º dia, 20 de setembro, a 82ª Div Aet dos EUA recebeu os botes e teve que realizar uma transposição de curso d'água em plena luz do dia. Houve muitos mortos nessa ação, mas, devido ao heroísmo dos militares norte-americanos e ao apoio de fogo dos blindados britânicos, a ponte de Nijmegen foi, finalmente, conquistada.

O general Ludwig, ao perceber que perderia a ponte, mesmo contrariando o general Model, tentou destruí-la, mas o acionamento das cargas explosivas falhou. Dessa forma, o 30º Corpo de Exército conseguiu se reorganizar e, ao final da noite, estavam a 16km de Arnhem e ainda sobre muita pressão dos contra-ataques alemães. O general Roy, em Arnhem, determinou o retraimento de suas forças para um bolsão em Oosterbeek. Estavam em situação crítica, sem munição, sem comida, sem reforços e com muitos feridos.

A brigada polonesa, finalmente, foi lançada ao sul do rio Baixo Reno, mas a região estava repleta de tropas alemãs, que atiraram quando os combatentes ainda pairavam no ar com seus paraquedas. Muitos poloneses foram mortos, covardemente. Os remanescentes da brigada do general Sosobanski conseguiram se reorganizar e receberam um mensageiro inglês, que atravessou o rio nadando. O general Roy enviou uma mensagem de pedido de apoio para resgate. Os poloneses tentaram atravessar o rio em pequenos botes infláveis, mas a primeira tentativa naquela noite fracassou, devido ao fogo alemão.

A perda da ponte de Arnhem permitiu que a 9ª Divisão Panzer SS reforçasse a 10ª Divisão, atrasando ainda mais a progressão do 30º Corpo

pela “estrada do inferno”. Nos dias 21 e 22 de setembro, a brigada polonesa conseguiu enviar 35 militares em botes para iniciar a missão de resgate da 1ª Divisão Aet Britânica. Os primeiros feridos foram resgatados e os mais graves foram aceitos pelo general Model para serem evacuados para o hospital alemão.

A essa altura, o comandante supremo, general Eisenhower, já havia admitido o fracasso da Operação Market Garden e emitiu uma Ordem Fragmentária, denominada de *Operação Berlim*, com o objetivo de garantir a manutenção do bolsão até Nijmegen, região conquistada, além do resgate dos remanescentes da 1ª Divisão Britânica em Arnhem. A divisão blindada, testa do 30º Corpo de Exército, alcançou os arredores de Arnhem em 24 de setembro e pôde apoiar o resgate da Divisão Aet Britânica, o que só foi concluído no dia 25 de setembro.

De quase 10 mil militares britânicos, apenas 2.163 homens foram resgatados. Os demais haviam sido mortos ou capturados pelos alemães. Os paraquedistas ingleses mantiveram sua posição bravamente por mais de oito jornadas sem apoio aéreo, sem ressuprimento e sem reforços. Posteriormente, o general Bradley, dos EUA, disse a respeito da situação da 1ª Divisão Aet Britânica:

– Existe uma qualidade nos britânicos diante da adversidade que exprime tudo que existe de mais nobre no valor inglês e, como consequência disso, o valor cobre de tal modo a derrota que a lenda heroica fica na recordação muito depois de a derrota ter sido esquecida. Arnhem passou a fazer parte dessa tradição britânica. Monty tinha sido rechaçado já bem perto do objetivo, porém a derrota foi tão valorosa que o fracasso estratégico passou despercebido...

As perdas humanas da operação

No total, as baixas britânicas foram de 7.212 homens mortos, feridos e desaparecidos. Os americanos da 82ª, por sua vez, tinham perdido 1.432 combatentes, e a 101ª, 2.110 militares. As cidades de Nijmegen e de Arnhem foram praticamente destruídas e, com elas, a vida de milhares de civis holandeses.



Figura 8 – Major Allison Digby Tatham-Warter, conhecido por ir à batalha com um guarda-chuva. Conta-se que ele teria desativado um blindado alemão atingindo os olhos do motorista empurrando o guarda-chuva pela fenda de observação
Fonte: Steam.com

As baixas sofridas pelos poloneses chegavam a 378. Entre os pilotos dos planadores americanos, foram registradas 122 baixas; as dos pilotos dos aviões de transporte, tanto americanos quanto britânicos, subiam a 596. A operação tinha custado, no total, 11.850 baixas, incluindo-se tropas

aerotransportadas e aviadores. Isso foi mais que o dobro de baixas, se comparadas com as baixas do Dia D na Normandia.

Conclusão e ensinamentos colhidos

Todos os riscos levantados antes da operação se confirmaram, mas superaram as expectativas dos comandantes. O marechal Monty disse, posteriormente, que 90% da operação foi um sucesso, mas que reconhecia o fracasso final. Uma única derrota que marcou a vida de um grande líder inglês que só havia conhecido vitórias em toda sua carreira. Aos 10% que não deram certo, ele os atribuiu às condições climáticas, que impossibilitaram a chegada de reforços previstos, à falta de apoio de fogo aéreo e à incrível reação alemã. Além disso, atribuiu falhas às comunicações. Monty admitia tristemente que o caminho fácil tinha uma armadilha oculta.

Cabe ressaltar que a derrota aliada em muito se deve às habilidades e liderança das forças alemãs. Suas ações ofensivas, mesmo na defensiva, com constantes contra-ataques, foram determinantes. Além disso, também foi determinante o fator sorte, por terem encontrado os planos da Operação Market Garden e por estarem com o Corpo Panzer SS estacionado na área de operações.

Muitos estudiosos dessa operação também atribuem o fracasso à concepção inicial do plano.

Citam que foi um erro a decisão de dividir o escalão de assalto em três levas, mas isso era impossível dada a escassez de aeronaves. Outro erro julgado foi a supervalorização da defesa antiaérea alemã em Arnhem, obrigando a zona de lançamento estar a 13km de distância do seu objetivo. A demora na reorganização e no deslocamento para a ponte de Arnhem permitiu que o general Model agisse rapidamente, enviasse reforços para Nijmegen e preparasse os contra-ataques na cidade. Outro erro foi a escolha da “estrada do inferno” como principal eixo de aproximação, pois era de pista simples, o que, somado à subestimação das forças alemãs na região, atrasaram a junção das tropas blindadas com as cabeças de ponte aéreas dos paraquedistas.

Como ensinamentos, ficaram a demonstração de força, os exemplos de coragem e de bravura das tropas paraquedistas. Além disso, os processos de planejamento de operações militares foram aprimorados para que os mesmos erros não se repetissem no futuro. Fez-se necessário um maior estudo das possibilidades de ação das forças inimigas, da análise do seu dispositivo e valor. Da mesma forma, os efeitos do terreno e das condições meteorológicas sob as operações militares são hoje determinantes como fator da decisão. Se a linha de ação apresentada pelo marechal Monty fosse confrontada com essas situações, talvez algumas medidas adicionais pudessem ter sido planejadas como condutas, ou, até mesmo, alterado o Plano de Operações.

A doutrina militar de operações aeroterrestres foi aperfeiçoada, fruto dos ensinamentos colhidos na Operação Market Garden, principalmente quanto ao estudo do inimigo próxi-

mo das zonas de lançamento, à necessidade de aumentar o poder de fogo anticarro e de artilharia e dos meios de engenharia para a conquista e manutenção da cabeça de ponte aérea. Os meios de comunicações foram adequados para permitir a interoperabilidade com os meios aéreos. Foram estabelecidas condições mínimas e desejáveis para se desencadear uma operação aeroterrestre, principalmente quanto à possibilidade de realização da junção com forças amigas ou possibilidade de exfiltração, preferencialmente no prazo de 72 horas, e à existência de condições meteorológicas minimamente favoráveis.

Os generais Eisenhower, Monty, Bradley e Patton concluíram que uma ação decisiva para pôr fim à guerra exigiria uma ação conjunta que envolvesse todos os Grupos de Exército Aliados na frente ocidental, e não apenas um grupo, como foi a Operação Market Garden. De qualquer maneira, o avanço do 21º Grupo de Exércitos Britânico até Nijmegen atraiu grandes esforços das reservas alemãs, tirando pressão sobre a frente dos Grupos de Exércitos Americanos, assim como possibilitou a conquista do importante porto de Antuérpia, o que foi fundamental para a chegada do suprimento que possibilitou a vitória dos Aliados em 1945.

Por fim, recordar os feitos da Operação Market Garden é reconhecer o valioso espírito combativo do paraquedista militar, que, na guerra, não hesitou em combater, mesmo em uma ponte longe demais na última vitória da *Wehrmacht*. 

Referências

JEFFSON, JOEL. **Operation Market-Garden: Ultra Intelligence Ignored**. Londres. Lucknow Books, 2015.

MONTGOMERY OF ALAMEIN, BERNARD LAW – MARECHAL VISCONDE. **Da Normandia ao Báltico** – as últimas grandes batalhas da guerra 1939-1945. Lisboa. Empresa Nacional de Publicidade, 1946.

RYAN, CORNELIUS. **Uma ponte longe demais**. Rio de Janeiro. 1. ed. edição. BIBLIEx, 1977.